



FWIT

Fighter Weapons Instructor Training

SEGUNDA PARTICIPAÇÃO DA FORÇA AÉREA PORTUGUESA

Texto e Fotos: Capitão PILAV Bruno Ribeiro

A Força Aérea Portuguesa, através da Esquadra 301, participou, pela segunda vez, no curso FWIT – *Fighter Weapons Instructor Training*.

Este curso, com a duração de sete meses, tem por objectivo formar pilotos instrutores, para operar e para instruir no emprego táctico da plataforma F-16MLU de forma eficaz e segura. Considerado como o mais importante curso deste género na Europa, é em tudo idêntico ao *Weapons Instructor Course* ministrado na *Weapon School* da USAF (*United States Air Force*).

O FWIT está sediado desde 1983 na Holanda, na Base Aérea de Leeuwarden, partilhando as instalações da Esquadra 323

“Diana”, também responsável pela uniformização e avaliação de todas as esquadras de voo da Força Aérea Holandesa.

O curso de 2008, baptizado “*Lethal Weapons*”, teve a particularidade de incluir todos os países integrantes da EPAF – *European Participating Air Forces*, que operam F-16, e de que fazem parte a RNoAF (*Royal Norwegian Air Force*), RNLAf (*Royal Netherlands Air Force*), RDAF (*Royal Danish Air Force*), BAFAC (*Belgian Armed Forces Air Component*) e PoAF (*Portuguese Air Force*).

A participação das diferentes nacionalidades tem variado em número e periodicidade ao longo dos anos. No ano de 2008, pela primeira vez todos os países da EPAF

marcaram presença. Com um total de 15 alunos e igual número de aviões, constituiu-se o curso mais numeroso desde 1991.

Uma das características peculiares do FWIT é a estreita integração e cooperação que necessariamente tem que existir entre as nações participantes, tanto ao nível das operações como da manutenção. Todas as acções são coordenadas de modo a maximizar o número de aviões disponíveis e consequentemente o número de saídas, tendo sempre em conta o objectivo das missões e do curso. Diariamente, foram planeadas e executadas 24 saídas divididas em dois períodos de voo.

O curso é continuamente adaptado a



Foto: SAJ Rui Bruno

F-16MLU da Força Aérea Portuguesa descolam para uma missão



evolução que o F-16 tem vindo a sofrer como sistema de armas e à alteração das táticas, com base na experiência recolhida dos conflitos recentes e no que se pensa possa vir a ser o emprego tático, a curto e médio prazo, contra uma ameaça provável. É com base nestes desideratos que o FWIT tem sofrido alterações de conteúdo e de duração.

Este curso teve uma duração aproximada de sete meses, dividida por três fases principais. A primeira, que decorreu entre 6 de Maio e 25 de Julho, incluiu combate ar-ar com missões de BFM (*Basic Fighter Maneuvers*), ACM (*Air Combat Maneuvers*), TI (*Tactical Intercepts*) e DACT (*Dis-*

similar Air Combat Tactics). A segunda, de 18 de Agosto a 31 de Outubro, dedicada ao combate ar-chão, com missões de SA (*Surface Attack*) onde foi largado armamento de treino, real e inerte, e executadas missões de CAS (*Close Air Support*), SAT (*Surface Attack Tactics*), ADX (*Air Defense All Weather*) e AAW (*Air-to-Air Weapons Employment*). Finalmente, a terceira, de 3 a 15 de Novembro, que englobou, entre outras, missões em cenários mais complexos, também com a largada de armamento real, voos a baixa altitude, voos em más condições atmosféricas, em ambiente nocturno, ECAS (*Emergency CAS*) e DT (*Dinamic Targeting*).

A fase ar-ar foi realizada em Leeuwarden, na Holanda e as fases ar-chão e tática tiveram lugar em Orland, na Noruega, perfazendo um mínimo de 43 missões de graduação por piloto-aluno.

Para além da parte prática, são ministrados dois blocos de disciplinas académicas, imediatamente antes das fases ar-ar e ar-chão, com a duração de três semanas cada, num total de 193 horas de aulas e 20 exames. O curso previa ainda um trabalho final sobre um tema previamente seleccionado que aborda um dos aspectos relacionados com o emprego tático do sistema de armas F-16.

Na edição de 2008, todo o curso foi

executado com a última actualização de "hardware e software" do F-16 disponível até à data, destacando-se a utilização de NVG's (*Night Vision Goggles*), JHMCS (*Joint Helmet Mounted Cueing System*), TGP (*Targeting Pod*) de terceira geração recentemente adquirido pela Força Aérea e JDAM (*Joint Direct Attack Munitions*).

Participaram no FWIT 08 quinze pilotos-alunos, dos quais treze o concluíram com sucesso: cinco holandeses, três noruegueses, quatro belgas, dois dinamarqueses e um português. Estiveram, ainda, presentes alunos que frequentaram apenas as áreas académicas, registando-se a presença de um piloto da Esquadra 301.

Durante toda a fase ar-ar, a Força Aérea Portuguesa contou também com um Controlador CRC. Foi desta forma possível estreitar a cooperação e coordenação entre pilotos e controladores, marcando estes últimos presença em todos os *briefings* e *debriefings* das missões. Este facto, permitiu ao elemento português retirar os ensinamentos e experiências vividas em cenários muito exigentes, difíceis de replicar no dia-a-dia em Portugal. O controlo aéreo apoiado na utilização do *Link 16* foi uma constante, durante todas as missões, confirmando-se como uma mais-valia para a integração (em curso) desta capacidade na Força Aérea Portuguesa.

A organização de um curso com o perfil do FWIT é muito exigente, bem como o controlo do seu bom funcionamento, tarefa que está entregue a uma equipa dedicada em exclusivo a atingir esse objectivo. Esta equipa tem a seu cargo os aspectos relacionados com o desenrolar do curso, que são muito diversificados, pois abrangem toda a logística necessária para o apoio aos participantes, às sessões teóricas e à actividade aérea, para além do desenvolvimento do planeamento da fase prática.

Como curiosidade, salienta-se o facto de o curso ter tido a participação de 20 instrutores na parte académica, alguns deles civis de empresas holandesas ligadas à Defesa, e por cada fase de voo o mínimo de 16 pilotos-instrutores.

Está também previsto nas condições de frequência do curso que cada nação deve contribuir, no mínimo, com tantos pilotos-instrutores quantos os alunos a formar. A Força Aérea Portuguesa participou na fa-

se ar-ar com o único piloto-instrutor (graduado em 2004, primeira participação da FAP no FWIT). Nas fases ar-chão e táctica, a Força Aérea Holandesa disponibilizou um piloto-instrutor devido à impossibilidade da permanência do piloto português durante toda a duração do curso.

O FWIT 2008 contou ainda com a participação de diversas aeronaves de apoio para as missões, onde se contam F-16, F-18, F-15E, FA-20 EW, E-3A AWACS, KDC-10, Hawk e Fokker 50, pertencendo esta última a uma empresa civil.

De salientar que o curso não tem um custo directo, baseando-se no princípio de divisão dos custos com a contribuição

de manutenção e logística associados, participou com três aeronaves F-16MLU somente durante a fase Ar-Ar (oito semanas), ficando a Força Aérea Dinamarquesa responsável por contribuir com três aeronaves durante as restantes fases do curso. Este acordo, viabilizou a redução substancial dos custos inerentes à nossa participação, sendo esta uma metodologia a seguir, sempre que possível, em futuros cursos. A solução encontrada só é exequível porque as aeronaves são em tudo idênticas, permitindo a sua utilização por qualquer piloto de outra nação, particularidade só possível neste curso.

No FWIT, para o aprontamento das ae-



F-16 da EPAF na Base Aérea de Leeuwarden na Holanda

de pessoal, material, apoio logístico e operacional que cada nação oferece/disponibiliza, relacionada directamente com o seu grau de participação (número de pilotos-alunos). Por exemplo, ao nível logístico e de manutenção, o curso foi apoiado por mais de 100 técnicos militares das nações participantes e a mesma racional foi aplicada aos equipamentos GSE (*Ground Support Equipment*) a destacar, bem como com a contribuição de armamento que cada nação pode ceder como contrapartida de custos.

Em 2008, foi elaborado um acordo com a Força Aérea Dinamarquesa, com o objectivo de reduzir os custos de participação, em que foi dividido o tempo de permanência das aeronaves destacadas. Assim, em vez da Força Aérea Portuguesa disponibilizar uma aeronave durante os sete meses de participação, com todos os encargos

ronaves a área da manutenção utiliza o conceito IMU (*Integrated Maintenance Unit*), em que há, sempre que necessário, uma grande entreaajuda entre as nações presentes. O domínio da língua inglesa é por isso determinante para a integração do pessoal, quer no domínio técnico, quer no relacionamento social.

Durante o curso foram executadas 2054 saídas, correspondendo a 2502 horas de voo, sendo na parte prática largados vários tipos de bombas e mísseis. Os F-16 portugueses destacados para o FWIT efectuaram 200 horas de voo, com uma taxa de prontidão da ordem dos 84%.

A estreita cooperação entre os países participantes, nomeadamente a Dinamarca e Portugal, permitiu maximizar os resultados minimizando os custos, abrindo portas para acordos muito vantajosos, para ambas as partes, em eventos futuros.

Em termos operacionais este curso permite à Força Aérea Portuguesa manter o mais alto nível tático, de igual para igual com os restantes países EPAF, e uniformizar os procedimentos de emprego operacional que suportam as operações actuais, com base nas lições apreendidas nos cenários de conflito (não convencional) mais recentes.

Numa época em que o nosso País poderá decidir intervir em cenários de conflito ou de manutenção de paz, em que a operação conjunta é uma certeza, é seguramente uma mais-valia manter este nível tático e operacional actualizado. As constantes actualizações ao sistema de armas



Missão com reabastecimento aéreo



Aproximação à Base de Leeuwarden



Acção de manutenção durante o FWIT



Piloto faz a inspeção exterior antes da missão F-16, conferindo-lhe uma maior capacidade de combate, o armamento e equipamento disponível que tem aumentado em diversidade e principalmente em capacidade, indo ao encontro das restrições



Piloto português em F-16MLU dinamarkués

impostas pelas regras de empenhamento, tornam este curso um excelente caminho para a nossa integração em forças multinacionais.

Não queremos deixar de realçar a postu-

ra altamente profissional dos nossos militares, os quais demonstraram mais uma vez que a sua capacidade e facilidade de adaptação, quando confrontados com novos desafios, os tornam **"LETHAL WEAPONS"**. 